

O DISCURSO ANTISSEMITA NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

THE ANTISEMITIC SPEECH IN THE AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA



ANA JÚLIA CORRÊA FERREIRA⁶⁶

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir acerca do antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (AIB) através da imprensa do movimento, com enfoque no jornal *A Offensiva*, procurando delimitar de forma mais precisa os contornos políticos do antissemitismo na AIB, isto é, sua função doutrinária e relação com os objetivos políticos e estratégicos da AIB. Especialmente no ano de 1935, a tese da conspiração judaica internacional apareceu em diferentes periódicos integralistas; em *A Offensiva*, principal jornal do movimento, por cerca de um ano, Gustavo Barroso, principal expoente do antissemitismo no Brasil à época, publicou uma coluna destinada exclusivamente à propaganda antijudaica. Esta temática é relativamente pouco explorada pela historiografia do integralismo, a despeito da significativa difusão do antissemitismo no mundo ocidental durante o entreguerras. Portanto, este trabalho pretende ser uma iniciativa para novas reflexões acerca do antissemitismo na AIB.

Palavras-chave: Integralismo; antissemitismo; teoria da conspiração; imprensa.

Abstract

This article aims to reflect on antisemitism within the Ação Integralista Brasileira (AIB) through the movement's press, especially the newspaper *A Offensiva*, in order to delimitate more precisely the political contours of antisemitism in AIB, which means, its doctrinal role as well as its relationship with AIB's strategic political objectives. Particularly in 1935, the international Jewish conspiracy theory was highlighted in various AIB's periodicals; in *A Offensiva*, the movement's main newspaper, for about a year, Gustavo Barroso, most prominent antisemitic intellectual in Brazil by that time, published a column exclusively dedicated to anti-Jewish propaganda. This theme is scarcely explored within the integralism's historiography despite the large spread of the antisemitic speech in the world during the interwar period. Therefore, this work intends to be an initiative for new reflections regarding AIB's antisemitism.

Keywords: Integralism; antisemitism; conspiracy theory; press.

⁶⁶ Mestranda em História no PPGH-UFJF e bacharela em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com qualificação em Patrimônio Histórico. E-mail: julia.ferreira.ana@gmail.com.



Introdução

A década de 1930 foi um momento de intensas lutas sociais no mundo: as contradições do sistema capitalista já vinham se somando desde os anos finais do século XIX, quando o processo de acumulação da produção e do capital bancário sob o controle de uma pequena oligarquia financeira acentuou-se de tal forma que se transformaram profundamente as características da sociedade capitalista. A virada para o século XX marcou a mutação do capitalismo em imperialismo, isto é, a passagem da sociedade da “livre concorrência” para o domínio dos monopólios. No terreno político, o imperialismo significou a partilha do mundo entre as potências capitalistas europeias mais bem desenvolvidas, uma vez que a conquista de posses coloniais era a garantia plena do sucesso do monopólio; bem como, uma interferência política e econômica cada vez maior nos Estados da periferia do capitalismo que, contudo, já haviam atingido uma certa independência, como o caso do Brasil (Lênin, 2021, p. 89).

A Grande Guerra foi o ponto culminante da disputa entre as principais potências imperialistas do mundo: o exponencial crescimento da capacidade produtiva da Alemanha, a partir do início do século, agravou as tensões com Inglaterra e França, já que a primeira estava em busca de sua inserção definitiva no cenário imperialista, isto é, na briga pelas colônias. O impacto do conflito na sociedade europeia foi tão profundo que gerou uma crise da cultura burguesa dominante; não por acaso, a Revolução Bolchevique estourou na Rússia em meio a sua participação na guerra, forçando a retirada imediata das tropas russas do conflito após a vitória dos revolucionários. Na década de 1920, a agitação de grupos comunistas, socialistas e anarquistas foi expressiva em diferentes países europeus, tensionando ainda mais o debate público no sentido da revolução social. O fascismo surgiu neste contexto como uma resposta aparentemente revolucionária para os problemas correntes da sociedade, cujo cerne ideológico era, porém, conservador.

Tão logo o fascismo triunfou na Europa, diferentes intelectuais ao redor do mundo, em especial na América Latina, estabeleceram uma rede de circulação de ideias, líderes e imprensa de inspiração fascista, dando origem a movimentos nacionalistas e corporativistas em diferentes partes do mundo ocidental (Bohoslavsky; Broquetas, 2020). Entre os movimentos de caracterização fascistas não-europeus, o integralismo brasileiro é considerado um dos casos mais bem sucedidos, tanto em termos numéricos, quanto, de estrutura organizativa; ainda que nunca tenha se consolidado no poder.



Apesar de amplamente debatido na historiografia do nazismo, não existe um consenso entre historiadores no que se refere à relação entre antissemitismo e fascismo. Cada caso é particular, embora seja possível dizer que o vocabulário antissemita foi compartilhado pelos principais movimentos fascistas. No caso brasileiro, levando em conta a extensa produção historiográfica sobre o integralismo, pode-se dizer que ainda são poucas as investigações sobre o antissemitismo integralista em si, a despeito do poder mobilizador deste discurso nos anos 1930 e sua razoável reprodução para além dos grupos integralistas (Carneiro, 2007).

Portanto, este artigo procura refletir acerca da presença da estética antissemita na imprensa integralista, com enfoque no jornal *A Offensiva*, procurando delimitar mais precisamente os contornos políticos do antissemitismo no interior do movimento.

O integralismo brasileiro

A gênese ideológica do integralismo brasileiro remonta à atuação de Plínio Salgado⁶⁷ no movimento modernista dos anos 1920. Do ponto de vista da modernização capitalista, esta década marcou o auge das transformações políticas e sociais que deram origem ao Brasil moderno (Cano, 2012). Este foi o contexto de ascensão do modernismo no país, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna em São Paulo. A participação de Salgado, contudo, deu-se em oposição às correntes protagonistas da Semana de 1922, especialmente aos aliados do Manifesto Pau-Brasil. Ao lado de Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, fundou o movimento Verde/Amarelo e, posteriormente, o grupo Anta, uma corrente intelectual ufanista radical, engajada com uma certa noção de identidade nacional (Gonçalves, 2010, p. 120).

A viagem de Plínio à Itália fascista, em 1930, foi fundamental para melhor delimitar os contornos ideológicos do integralismo. Na ocasião, o jornalista se encontrou pessoalmente com Mussolini, sendo profundamente impactado pelo fascismo do ditador italiano.⁶⁸ De volta ao Brasil, organizou duas importantes iniciativas anteriores à

⁶⁷ Descendente de uma família católica, com tradição na vida política, Plínio Salgado nasceu em 1895 em São Bento de Sapucaí (SP). Em sua cidade natal, foi redator do jornal *Correio de São Bento*. Logo no começo dos anos 1920, mudou-se para a capital paulista, atuando como suplente de revisor no jornal *Correio Paulistano*, órgão do Partido Republicano Paulista (PRP), ao qual era filiado. Rapidamente Salgado passou à redação do periódico, a pedido do redator-chefe, Menotti del Picchia. Paralelamente à sua atividade no movimento modernista, engajou-se na tentativa de renovação do PRP, liderada por Alfredo Egidio de Souza Aranha. Em 1926, publicou *O Estrangeiro*, sua obra mais aclamada e que “fixa o marco inicial da mutação ideológica do futuro chefe integralista” (Trindade, 2016, p. 86). Para biografia, consultar Gonçalves, 2012.

⁶⁸ Durante sua estadia na Itália, Salgado trocou correspondências com seus colegas brasileiros, explicitando a influência de Mussolini em sua atividade política e intelectual. Ele escreveu: “É necessário agirmos com



fundação do movimento integralista: o jornal *A Razão* (1931), terreno no qual preparou uma ação ideológica mais ampla (Trindade, 2016, p. 73); e a Sociedade de Estudos Políticos (1931), um grupo que reuniu intelectuais de direita com objetivo de “discutir um novo movimento político, tendo como princípio o nacionalismo conservador e revolucionário” (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 13).

Em outubro de 1932, foi fundada a Ação Integralista Brasileira (AIB) cuja certidão de nascimento é o Manifesto de Outubro. Ali, já estava presente a defesa da “Revolução Integral”, expressão da síntese do projeto integralista: o respeito ao princípio de autoridade, a crítica aos partidos políticos, a denúncia de uma conspiração internacional contra o Brasil e a proposição de um programa social baseado na defesa da “família conservadora, bem como um Estado de tipo fascista, o Estado integral” (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 15).

Quase imediatamente após a criação do movimento, foram organizados meios para sua divulgação, com intuito de disseminar o pensamento integralista, atrair novos militantes e fortalecer as fileiras já existentes. Neste contexto, o jornal assumiu um papel proeminente, sobretudo em vista de seu baixo custo de produção e alta receptividade das camadas populares. A AIB foi responsável pelo primeiro consórcio jornalístico do Brasil, o Sigma - Jornais Reunidos, que orientou a publicação de um total de 138 periódicos ao redor do Brasil, dentre os quais dois eram de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local/nuclear (Oliveira, 2017, p. 34). Antes de serem publicados, o conjunto dos jornais era submetidos à censura da Secretaria Nacional de Imprensa (SNI-AIB), que buscava conferir uniformidade e coerência à doutrina divulgada ao grande público.

As imagens também foram amplamente utilizadas na imprensa integralista buscando uma espécie de educação pelo olhar, ou seja, dos leitores, não era esperado que lessem as matérias por completo, “desde que se familiarizasse[m] com os ritos, os emblemas, os comportamentos e a doutrina de Plínio Salgado e seus seguidores” (Fiorucci, 2018, p. 28). Fora da imprensa, a AIB dispunha de uma imensa parafernália simbólica, incluindo uniformes, hinos, rituais, cerimônias e saudações, cujo fim último era reforçar os valores do movimento.

tempo de salvarmos o Brasil. Tenho estudado muito o fascismo; não é exatamente esse regime que precisamos aí, mas é coisa semelhante. [...] Contando eu a Mussolini o que tenho feito, ele achou admirável o meu processo, dada a situação diferente de nosso país. Também como eu, ele pensa que, antes da organização de um partido, é necessário um movimento de ideias” (Obra coletiva, *Plínio Salgado*, 1936 apud Trindade, 2016, p. 111).



Ainda assim, é crucial considerar o conteúdo intelectual do integralismo, especialmente porque esta foi uma de suas características mais distintas. Em comparação com o fascismo italiano e o nazismo, a direção da AIB era majoritariamente composta por uma elite intelectual. Plínio Salgado, Gustavo Barroso⁶⁹ e Miguel Reale⁷⁰ ocupavam os postos mais importantes no movimento – Chefe Nacional, Chefe das Milícias Integralistas e Chefe do Departamento de Doutrina, respectivamente – sendo também seus principais teóricos. Desde seus escritos no jornal *A Razão*, Salgado deixou explícito seu desejo em constituir um movimento de ideias, capaz de orientar os rumos da nação brasileira. Segundo o próprio Barroso (1936, p. 17), entre todos os movimentos fascistas, o integralismo era aquele cujo corpo doutrinário era mais perfeito e cujo conteúdo, o mais espiritualista.

Rapidamente, o integralismo ganhou as camadas populares e médias dos centros urbanos em todo o país.⁷¹ O aparato simbólico e a intensiva propaganda forneceram um sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo que a doutrina integralista parecia responder de forma radical e revolucionária às demandas contra a política brasileira, dominada pelas oligarquias nacionais em disputa, deixando a população à margem do processo. Aliado a isso, durante a existência da AIB, a propaganda anticomunista no Brasil foi intensa. A tentativa de destituição de Getúlio Vargas, liderada conjuntamente

⁶⁹ Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em 1888 em Fortaleza (CE). O lado paterno de sua família possuía uma longa tradição na política cearense desde 1840. Em 1907, ingressou na Faculdade de Direito do Ceará; e, em 1910, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos. Desde a juventude atuou como escritor, publicando sua primeira obra, *Terra do Sol*, em 1912. Em 1915, foi eleito deputado federal do Ceará pelo Partido Republicano Conservador (PRC); em 1922, com apoio de Epiácio Pessoa, se tornou o primeiro diretor do Museu Histórico Nacional e, em 1933, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL). Em 1930, participou da campanha eleitoral de Júlio Prestes, ingressando na AIB apenas no segundo semestre de 1933. No movimento, atuou, originalmente, como Chefe das Milícias e, a partir de 1935, com a dissolução desta secretaria, se tornou Chefe da Secretaria de Educação Moral e Cívica. Para mais, consultar Maio, 1992.

⁷⁰ Miguel Reale nasceu em 1910 em São Bento de Sapucaí (SP). Sua família era composta de imigrantes italianos recém-chegados ao Brasil. O pai, Biagio Reale, financiou seus estudos na capital paulista, onde graduou-se em Direito. Em 1932, participou da Revolução Constitucionalista e logo após a derrota dos insurgentes, aliou-se ao nascente movimento integralista, sendo entusiasticamente recebido por Salgado. Após a dissolução da AIB, tornou-se conselheiro do Estado Novo (1937-1945) e do regime militar (1964-1985). Nos anos 1970, foi reitor da USP e, eleito para a ABL. Reale se tornou nacionalmente conhecido como “pai” intelectual do Código Civil Brasileiro de 2002, ainda em vigência. Para mais, consultar Tanagino, 2018.

⁷¹ Sobre a composição social da AIB, é importante ressaltar. Segundo Trindade (2016, p. 171), “a camada superior, constituída pelos dirigentes nacionais, é integrada exclusivamente por membros da burguesia e média burguesia, sob a supremacia das elites intelectuais. A camada média dos dirigentes regionais encontra-se ainda sob a preponderância da média burguesia intelectual, que, com a burguesia e a média burguesia dos oficiais, ocupa quase os três quartos dos postos de direção. A participação nesse nível de integralistas oriundos de pequena burguesia e das camadas populares não ultrapassa um quarto do total. Na camada inferior, a pequena burguesia e as camadas populares formam globalmente os três quartos do total dos militantes locais”.



por Luís Carlos Prestes, em acordo com a direção do Partido Comunista Brasileiro (PCB), intensificou ainda mais a campanha anticomunista, doravante também por parte do governo. Igualmente, nos periódicos integralistas, o anticomunismo foi o principal elemento mobilizador. Nesse sentido, em sua origem, o integralismo procurou apresentar-se como um movimento revolucionário, haja vista o uso frequente do termo “revolução” nos jornais e revistas, mas, ainda assim, oposto ao comunismo e à ideia de revolução operária e ditadura do proletariado. Ou seja, uma “revolução” conservadora, abertamente oposta ao marxismo.⁷²

Contudo, em março de 1935, de associação civil, a AIB transformou-se em partido político, segundo às normas do Código Eleitoral de 1932 e, a partir de 1936, passou a concorrer às eleições. Logo, é evidente que o discurso radical, contra os partidos e o sistema vigente, demonstrou-se limitado: progressivamente as palavras de ordem e o uso do vocabulário revolucionário foram se tornando escassos, com menções cada vez mais frequentes à política institucional na imprensa (Simões, 2009, p. 43).

A (dita) polêmica em torno do antissemitismo

Oficialmente, o antissemitismo nunca foi incorporado à doutrina integralista, muito embora esta assimilação tenha ocorrido na prática “em razão da grande receptividade do combate ao judaísmo entre os militantes de base” (Trindade, 2016a, p. 242). Polêmicas internas tornaram confusos os limites do antissemitismo no movimento, levando grande parte da historiografia a considerá-lo como elemento secundário à doutrina. Os trabalhos acadêmicos recentes sobre a temática, salvo exceções, focam na produção de Gustavo Barroso e alguns poucos intelectuais que, abertamente, seguiram suas tendências.⁷³ Rodrigo de Oliveira (2009, p. 263), grande referência nas pesquisas

⁷² Cabe destacar que nunca houve uma definição clara de marxismo, materialismo, bolchevismo, comunismo e socialismo na imprensa da AIB; os termos eram utilizados como sinônimos, desconsiderando as correntes, disputas, conflitos teóricos e práticos, bem como as rupturas e interpretações no interior da tradição marxista. Todos os autores que se referiram a Marx ou Engels eram apresentados de maneira homogênea. Aqui, consideramos a definição do Manifesto Comunista (1848): os comunistas são aliados a todos os movimentos contra a ordem político-social existente. Logo, argumentamos o projeto integralista como uma revolução conservadora pois apesar do discurso radical, nunca atacou as bases do capitalismo, a propriedade privada.

⁷³ Em geral, as pesquisas estão focadas na análise da produção intelectual de Gustavo Barroso, como Rago Filho (1989), Cytrynowicz (1992) e, Maio (1992). O trabalho de Vieira (2012) procura ampliar a análise, investigando outros intelectuais integralistas que também publicaram obras abertamente antissemitas; ainda assim, ele considera o antissemitismo um elemento marginal nos periódicos, apresentando-o de forma quase isolada em relação ao discurso integralista como um todo. A dissertação de Rehem (2011) é talvez o principal trabalho que considera o antissemitismo como uma característica relativamente compartilhada entre os intelectuais da AIB.



sobre a imprensa integralista, chega a especular que “a pouca repercussão do anti-semitismo [sic] entre as bases se devia também por não haver uma grande difusão destas ideias nos periódicos”.

Quando nos voltamos ao trabalho de Trindade (2016b), contudo, verificamos um quadro distinto. As entrevistas realizadas por ele com antigos militantes de base e dirigentes integralistas no curso de dois anos de pesquisa revelam que apesar de o antissemitismo ter sido o fator menos preponderante entre as motivações que levaram os entrevistados ao integralismo, 73% destes mesmos entrevistados responderam “concordar muito” com a afirmação “o espírito judeu é uma ameaça permanente à sociedade”. Ele conclui, portanto, que embora o antissemitismo tenha sido “um tema ideológico que divid[iu] os dirigentes nacionais e regionais, [foi] partilhado por quase dois terços dos dirigentes e militantes locais” (Trindade, 2016b, p. 186). O mais significativo foi o fato de parte considerável dos entrevistados ter sido certamente influenciado pelo integralismo em sua guinada para o antissemitismo – é possível supor que grande parte dos militantes de base tenha se familiarizado com a estética antissemita⁷⁴ a partir dos jornais integralistas, ou ao menos tenham sido constantemente reforçados por estes, daquela.

Ao contrário do que argumenta Oliveira, a análise da imprensa integralista comprova uma considerável presença do discurso antissemita na AIB – os periódicos são o subsídio para uma reflexão renovada acerca do antissemitismo no movimento. Este artigo pretende demonstrar parcialmente essa conclusão. Naturalmente, não é a intenção esgotar o debate, mas sim fomentar novas reflexões acerca do antissemitismo integralista. Contudo, antes de adentrar no tema propriamente dito, cabe analisarmos brevemente a polêmica que se desenrolou no interior da intelectualidade integralista, cuja razão, aparentemente, estava relacionada ao radicalismo antissemita de Gustavo Barroso, na tentativa de identificar os reais contornos desta querela.

Em maio de 1936, Salgado publicou na revista Panorama, periódico integralista destinado à “alta cultura”, o texto “Trechos de uma carta”, no qual declarou: “Não sustentamos preconceitos de raça; pelo contrário, afirmamos ser o povo judeu e a raça brasileira tão superiores como quaisquer outros. Em relação aos judeus, não nutrimos

⁷⁴ O conceito de estética aplicado aqui engloba as representações imagéticas e simbólicas, mas também o próprio discurso. Acreditamos ser essa abordagem mais acertada do que uma análise puramente discursiva ou semiótica na medida em que os dirigentes da AIB certamente estavam conscientes dos possíveis efeitos da mistura de imagens, símbolos e discursos na construção do imaginário coletivo, haja vista o constante uso desta estratégica.



contra essa raça nenhuma prevenção”.⁷⁵ Mais especificamente sobre a relação entre o capitalismo internacional e o judaísmo, tese tão defendida por Barroso, o Chefe Nacional escreveu: “Quanto ao capitalismo judeu, na realidade ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência: *mais de 60% do agiotarismo internacional está nas mãos dos israelitas*. Isso não quer dizer que sejam eles os *responsáveis exclusivos* pelas desgraças atuais do mundo” (Salgado, 1936, p. 4-5 *apud* Pacheco, 2021, grifo da autora).

A declaração de Salgado foi interpretada por alguns historiadores como uma crítica a Barroso, especialmente porque o Chefe Nacional concluiu seu texto avaliando negativamente os exageros da perseguição aos judeus na Alemanha, afirmando que “o problema do mundo é ético, não étnico”. Ainda na Panorama, em junho de 1936, Reale pareceu reforçar a posição de Salgado, no artigo intitulado “Nós e os fascistas da Europa”, no qual o autor se esforçou em desvincular racismo/antissemitismo e integralismo. Ele escreveu:

Do Hitlerismo podemos tirar algumas lições em matéria de organização política e financeira, mas não sabemos em que nos poderia ser útil a tese de superioridade racial, tese que consulta uma situação local. [...] O combate ao banqueirismo internacional e aos processos indecorosos dos *capitalistas sem pátria*, justifica-se no plano moral. E quando a pureza da norma ética está conosco, não se compreende bem qual *a necessidade de outras justificações, que podem ser de efeito*, mas que certamente são discutíveis (Reale, 1936, p. 16-17 *apud* Pacheco, 2021, grifo da autora).

Embora aparentemente o periódico demonstre uma posição contrária dos principais nomes do movimento ao antissemitismo radical de Barroso, atendo-nos mais especificamente ao conteúdo do texto e a escolha das palavras, podemos perceber que a tônica antissemita permaneceu presente como pano de fundo; ou, ao menos, precisamos admitir que o antissemitismo não foi frontalmente criticado ou questionado por nenhum dos intelectuais. Na realidade, Gabriela Pacheco (2021) argumenta um silenciamento da temática na revista intelectual, corroborando, assim, com a nossa conclusão: uma crítica ao antissemitismo só seria possível se, primeiramente, houvesse um debate sobre o tema, questionando seus pressupostos e conclusões. A própria natureza conspiratória do antissemitismo fascista tornava impossível uma contestação teórica e científica na medida em que o sentido da teoria da conspiração depende de sua incorporação acrítica desde os pressupostos, especialmente porque a comprovação de suas denúncias é sempre atribuída à atividade de organizações secretas, tornando a informação, portanto, inverificável.

⁷⁵ Para melhor leitura do texto, as citações de fontes primárias foram transcritas segundo às normas ortográficas atuais. Nos títulos, optou-se por manter a grafia original.



Apesar de um discurso mais moderado que o de Barroso, é nas entrelinhas que encontramos a lógica antissemita no texto de Salgado: em vários momentos, o Chefe Nacional recorreu às argumentações desta natureza como ao afirmar: “não podemos querer hoje mal ao judeu, *pelo fato de ser o principal detentor de ouro, portanto, principal responsável pela balbúrdia econômico-financeira que atormenta os povos*, especialmente os semicoloniais como nós da América do Sul” (Salgado, 1936, p. 4-5 *apud* Pacheco, 2021, grifo da autora). Implicitamente, sua declaração fazia coro à argumentação calorosamente defendida por Barroso: os judeus são os principais responsáveis pelo desequilíbrio econômico e, conseqüentemente, social dos povos contemporâneos.

Ainda é relevante notar que no texto para a Panorama, Salgado direcionou suas críticas tão somente aos exageros da perseguição antissemita nazista, e não ao antissemitismo em si, ao fundamento desta perseguição.⁷⁶ Nesse sentido, concluímos que o texto expressou apenas uma crítica superficial ao discurso de Barroso. A inexistência de uma contradição fundamental entre o pensamento de Salgado e a lógica antissemita é o que provavelmente explica o uso relativamente frequente de argumentação e vocabulário de fundo conspiratório associado ao antissemitismo em seus textos e pronunciamentos destinados à grande massa de militantes. Certamente o Chefe Nacional estava consciente do poder mobilizador deste discurso e procurou empregá-lo estrategicamente.

Em Reale, a crítica ao antissemitismo apareceu também de forma superficial: em diversas ocasiões, ele fez “largo uso dos jargões e dos mitos conspiratórios antissemitas” (Tanagino, 2018, p. 84). No panfleto “ABC do Integralismo”, denunciou claramente o papel da “imprensa semita” na construção de um “ambiente de simpatia em torno da experiência soviética” (Reale, 1935, p. 101). Novamente, há ressonância das principais alegações antissemitas de Barroso: a intrincada relação entre a imprensa internacional, o comunismo e o judaísmo. A primeira, à serviço dos poderosos judeus internacionais, disseminaria os valores do comunismo, fomentando, ao redor do mundo, falsas revoluções inspiradas no marxismo, isto é, a obra superior da dominação judaica. A

⁷⁶ Cabe destacar outro fato. Entre os documentos pessoais de Salgado, Gonçalves (2012, p. 547) encontrou um desenho datado de 1961, no qual uma estética antissemita foi claramente reproduzida pelo líder integralista. Na ilustração, um bruxo cujo chapéu é estampado com a estrela de Davi, encontra-se diante de um caldeirão marcado com as palavras “Câmara Federal”, de onde surgem figuras fantasmagóricas que representam as “forças ocultas” contra o Brasil. Aqui, percebemos uma aproximação com o cerne do discurso antissemita de Barroso, isto é, a personificação de todos os inimigos nacionais na figura do judeu. Sendo um registro datado 20 anos após a dissolução da AIB, precisamos de cautela na análise; ainda assim, é um fato relevante a ser considerado.



presença deste discurso conspiratório justamente nos textos de ampla circulação de Salgado e Reale nos leva a concluir que seu emprego foi puramente propagandístico – o que em vez de reduzir a importância da questão, torna-a ainda mais relevante.

O próprio Reale reconheceu o efeito do discurso antissemita, quando afirmou, na Panorama, não compreender a necessidade de justificativas políticas que não aquela baseada na ética, “que podem ser *de efeito*, mas certamente são discutíveis”. Ou seja, na revista intelectual, ele apontou para uma possível fragilidade teórica da argumentação antissemita (aspecto que não foi explorado posteriormente no periódico), reconhecendo, ao mesmo tempo, seu impacto político, seus efeitos. Certamente Reale estava consciente do poder mobilizador do discurso antissemita conspiratório e utilizou-o estrategicamente na imprensa no intuito de divulgar o integralismo. A presença da estética antissemita em seus textos destinados ao grande público, portanto, levanta a questão: quais suas intenções políticas com o uso do vocabulário antissemita? Qual efeito pretendia causar em seu público leitor? Nos termos de Skinner, qual a força ilocucionária destes proferimentos?

Ainda é relevante o fato de Gustavo Barroso, ao longo de sua militância na AIB, constantemente ter ressaltado o caráter político de seu antissemitismo, ou seja, o combate aos judeus não era justificado em termos raciais ou religiosos, mas sim em virtude da intervenção deste grupo na vida nacional, supostamente relacionada ao plano de destruição da civilização cristã. Em uma tentativa de distinguir-se do antissemitismo nazista, Barroso escreveu:

O Estado nazista é também pagão e se baseia na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial. Apoiado nesta tese, combate os judeus. O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesarianamente, mas cristãmente, pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto por homens fortes. Alicerça-se na tradição da unidade da pátria e do espírito de brasilidade. *Combate os judeus porque combate os racismos, os exclusivismos raciais, e os judeus são os mais irredutíveis racistas do mundo* (Barroso, 1936, p. 17, grifo da autora).

Nesse sentido, é possível argumentarmos que, no interior da intelectualidade integralista, não havia qualquer contradição entre o antissemitismo e a doutrina da AIB: era possível criticar o radicalismo nazista e ao mesmo tempo combater a ação do judaísmo no Brasil, como propunha Barroso, pois seu fundamento era puramente político. Fora da tríade principal, alguns intelectuais relativamente expressivos seguiram abertamente Barroso, como Oswaldo Gouvêa, Anor Butler Maciel, João Passos de Cabral e Affonso Carvalho; o que indica uma considerável circulação de suas ideias dentro do



movimento.⁷⁷ Não somente entre os intelectuais, mas também entre importantes nome do Conselho Nacional,⁷⁸ como Madeira de Freitas, também diretor de A Offensiva, a quem inclusive Barroso atribuiu a introdução à questão do antissemitismo.

Ainda assim, é preciso considerar a especificidade do discurso de Barroso, sobretudo, pois foi quem mais fervorosamente defendeu a tese da conspiração judaica internacional. Após seu rompimento com o integralismo, em 1938, o autor manteve sua atuação política e intelectual, sem, contudo, levantar novamente a questão do antissemitismo. Essa posição nos leva a concluir também um emprego estratégico da estética antisemita em Barroso, vinculado, especialmente, à disputa pela liderança do movimento com Salgado. Neste momento o discurso do primeiro passou por uma fase de acentuada radicalização, isto é, a reprodução da teoria da conspiração se tornou o próprio conteúdo de seu discurso. Rui Arruda, importante membro da direção nacional, chegou a declarar, em entrevista posterior a Trindade (2016b, p. 228), que o radicalismo antisemita de Barroso estava vinculado ao seu desejo de projeção no movimento

Trindade (2016b, p. 202) ressalta que uma das principais características de Salgado como líder era a constante reafirmação de seu poder supremo no movimento, aliado a momentos de pressão nos quais o Chefe se mostrou pusilânime, incapaz de realizar uma decisão difícil. Alguns dos entrevistados por Trindade inclusive declararam preferência pela liderança de Barroso por considerá-lo mais decidido e enérgico. A competição entre ambos era, portanto, real e podemos elencar alguns motivos: depois de Salgado, Barroso era considerado o segundo nome mais importante da AIB, ocupando um cargo extremamente valioso na hierarquia do movimento. Este, quando ingressou na AIB, já possuía uma considerável carreira política e acadêmica, como deputado federal, diretor do Museu Histórico Nacional e membro da ABL. Ademais, entre o quadro do Conselho Nacional, Barroso possuía a idade mais avançada, original de uma geração anterior a Salgado – em 1933, o primeiro tinha 45 anos, enquanto o segundo, 38. Fatores que certamente elevavam seu prestígio entre dirigentes e militantes.

Embora nunca tenha se tornado de fato um conflito, a disputa pelo poder causou alguns momentos de tensão interna. Muitos militantes relataram a Trindade, por exemplo, um episódio no qual, em meio a uma reunião integralista, Salgado teatralmente renunciou

⁷⁷ Rehem (2011, p. 124) ainda ressalta outros intelectuais baianos que escreveram sobre o antissemitismo, sobretudo Brasilino de Carvalho, autor da obra *O anti-semitismo de Hitler*, de 1934.

⁷⁸ O Conselho Nacional da AIB exercia função consultiva: assessorava o Chefe Nacional em suas decisões, sendo composto por chefes provinciais e outros nomes indicados por Salgado. Para mais, consultar Trindade, 2016, p. 204-220.



ao cargo de Chefe Nacional, aceitando reassumir a posição apenas após a desculpa de Barroso nos bastidores. Este teria se justificado de uma declaração recente interpretada por seguidores de Salgado como uma crítica ao líder, quando afirmou que “um chefe que não é fiel à doutrina, corre o risco de perder sua autoridade” (Trindade, 2016b, p. 203).

Tudo indica, portanto, que a querela entre Barroso e Salgado se desenvolveu ao redor da disputa pela liderança do movimento e não em virtude de posições divergentes em relação ao antissemitismo radical – mesmo porque ambos o empregaram estrategicamente. Logo, o texto de Salgado na Panorama parece refletir mais uma manifestação da reafirmação de seu poder entre a intelectualidade integralista, do que uma crítica ao discurso antissemita. Logo, a oposição de Salgado ao antissemitismo só pode ser considerada válida se entendermos que, para ele, naquele contexto, antissemitismo era sinônimo de Gustavo Barroso.

O que nos interessa neste artigo não é compreender o antissemitismo integralista como um conceito abstrato, desvinculado da dinâmica interna do movimento, mas justamente o oposto. Considerando que os dirigentes nacionais eram também os principais teóricos da AIB, é impossível compreender sua produção intelectual, sua doutrina, isolada dos interesses e disputas internas por hegemonia. Através do discurso, buscamos compreender a prática.

Assim, concluímos que o antissemitismo em si não gerou nenhuma oposição contundente no interior da AIB. Na realidade, a estética antissemita foi mais ou menos compartilhada pelo conjunto dos mais influentes intelectuais integralistas. Nesse sentido, entendendo os escritos políticos como uma intervenção “de atores particulares, em resposta a conflitos também particulares, em contextos políticos específicos e no interior de linguagens próprias ao tempo de sua formulação”, nos interessa refletir acerca do contexto no qual esteve inserido o integralismo de forma que seja possível entender o discurso antissemita no movimento não do ponto de vista da doutrina em abstrato, mas enquanto uma ação concreta de um determinado autor “num jogo de linguagem historicamente dado” (Jasmin, 2005, p. 28).

O antissemitismo na imprensa integralista

A dissertação de David Rehem (2011) nos aponta algumas questões fundamentais para pensarmos a posição do antissemitismo na imprensa integralista. Especificamente na Bahia, não apenas os jornais integralistas, isto é, aqueles ligados ao Sigma - Jornais Reunidos, mas também periódicos cuja direção era simpatizante do integralismo



reproduziram o discurso antissemita, como O Imparcial e o Diário de Notícias. Isso é relevante por dois aspectos: primeiramente, demonstra uma presença considerável do antissemitismo nos jornais integralistas locais que circulavam na Bahia e que, portanto, sofriam com a censura da SNI-AIB. Como também demonstra a circulação e reprodução orgânica do antissemitismo entre os integralistas, haja vista que até mesmo naqueles periódicos que não estavam sob a imposição da unidade doutrinária da SNI-AIB, mas cuja direção era composta de militantes da AIB, encontramos este discurso.

Periódicos de outros Estados também reproduziram o antissemitismo de forma frequente. Em Porto Alegre, Vieira (2012) destaca o jornal O Integralista cuja direção coube a Anor Butler Maciel, Chefe Provincial da AIB no Rio Grande do Sul. No conjunto de setenta e três edições, Vieira identifica uma média de ao menos uma referência antissemita por número, e uma matéria antissemita a cada quatro números. Por si só, essa média é bastante considerável; mas cabe ainda uma reavaliação metodológica uma vez que não acreditamos ser possível separar referências e artigos antissemitas, como faz Vieira. Entre os livros de Barroso e companhia, não existe uma distinção clara entre antissemitismo e outros pontos caros à doutrina do Sigma; pelo contrário, a fusão destes elementos é característica do antissemitismo integralista. No interior desta lógica, não era possível distinguir antissemitismo e anticomunismo, por exemplo, já que eram os judeus os agentes do comunismo internacional. Logo, a divisão entre referências e matérias nos periódicos não parece valiosa, possivelmente resultando na subvalorização do discurso antissemita.

Em O Integralista, o mais relevante é perceber a diversidade de autores que contribuíram com artigos desta natureza. Enquanto em A Offensiva, normalmente, os textos não declaravam a autoria, ou eram assinados pelos principais nomes do movimento, no jornal gaúcho a presença dos militantes locais foi bastante chamativa.⁷⁹ O que corrobora também com a noção da reprodução orgânica do antissemitismo entre a base integralista. Ademais, Vieira (2012) constata a presença da estética antissemita desde a segunda edição do periódico, ou seja, este discurso esteve presente na imprensa local desde o começo do ano de 1934.

⁷⁹ Os militantes que contribuíram foram: Francisco Matoso, Ismael Soares, Otaviano Cabral, Altamirando Requião, Luiz Maranhão, Leães Sobrinho, Francisco Palazzo, Erny Rich, Mathias de Bittencourt, Pierre Clementi, Hugo Loudeiro Lima, Oscar Andrade, Amílcar Silveira, Pedro Barbosa, Paulo Eleutherio, Osmario Leite, Ferdinando Martino Filho, Viriato Corrêa, Clóvis Bezerra Falcão, Andrino Braga, Afrânio Salgado Lages, Emílio O. Kaminski, Mário Ferreira de Medeiros e Esperidião Xavier Azambuja (Vieira, 2012, p. 136).



No Rio de Janeiro, o jornal *Século XX* se destacou significativamente na divulgação do antissemitismo. O periódico foi dirigido conjuntamente por Oswaldo Gouvêa e Jaime de Oliveira, sob influência direta de Gustavo Barroso, tendo circulado na cidade fluminense entre janeiro de 1935 e 1937. Vieira (2012, p. 139) encontrou apenas um número do jornal, impossibilitando uma análise sistemática desta fonte; mas esta amostra revela um conteúdo radicalmente antissemita. Ao longo de quatro páginas, há quatro longas matérias dedicadas ao antijudaísmo – duas delas assinadas: uma por O Despertador, a outra, por H. O. Wiederspahn.

Já nos periódicos de circulação nacional, Rehem (2018, p. 303) ressalta algumas matérias antissemitas na revista ilustrada *Anauê!*, desde seu primeiro número, como “As duas Internacionaes”, “Literatura Comunista” e “Peor das Invasões”, escritas por Barroso nas três primeiras edições da revista. Aqui, é ainda mais significativo percebermos a presença do discurso antissemita pois o público a quem se destinava a revista era bastante amplo, incluindo analfabetos e crianças.

O jornal A Offensiva

Entre todos os periódicos integralistas, *A Offensiva* foi o principal, contando com o maior número de edições. Lançado em maio de 1934, o jornal acompanhou as diferentes etapas de organização do movimento até março de 1938; ou seja, sua publicação resistiu até mesmo a transformação da AIB em Associação Brasileira de Cultura (ABC), após o golpe do Estado Novo. Originalmente, Salgado ocupou a direção do periódico e sua intenção era que fosse um material popular, acessível a todos os militantes, difundindo o integralismo de forma coesa; e, sobretudo, que fornecesse um sentimento de pertencimento aos camisas verdes (Simões, 2009). Em 1935, Madeira de Freitas assumiu a direção, sob orientação de Salgado.

Além do *Monitor Integralista*, era o único jornal de circulação nacional, sendo obrigatória sua distribuição em todas as sedes da AIB. A receita das vendas era destinada aos custos de manutenção (gráfica,⁸⁰ funcionários, material) e divulgação; gastos estes que deveriam “ser atenuados com a colaboração das sedes e dos ‘camisas-verdes’ responsáveis pela entrega do jornal nos locais onde houvesse assinantes” (Simões, 2009,

⁸⁰ Até 1935, *A Offensiva* foi impressa nas oficinas gráficas do jornal *Diário de Notícias*. Posteriormente, a AIB montou uma oficina gráfica própria. Cabe destacar também que os anúncios foram uma importante fonte para o financiamento do jornal, divulgando uma variedade de serviços e produtos. Para mais, consultar Simões, 2009.



p. 36). Cabe ainda destacar que o periódico sempre contou com poucos funcionários e muitos colaboradores.

Em suas páginas, era possível encontrar desde discussões políticas até cadernos dedicados aos esportes e à moda. Neste contexto, o antissemitismo apareceu de forma diluída: ora com mais frequência e explícito, ora menos frequente e velado. Entre os dez primeiros exemplares, Vieira (2012) aponta que havia, em média, ao menos uma referência e duas matérias dedicadas ao antijudaísmo. Aqui, nos interessa perceber as contribuições antissemitas de Salgado, que revelam, mais do que uma opção política pessoal, a própria orientação da direção nacional do movimento, considerando o poder único e indivisível do Chefe Nacional (Gonçalves, Caldeira Neto, 2020, p. 15).

Em matéria publicada em outubro de 1934, Salgado aplicou o vocabulário antissemita na construção do inimigo do integralismo. Trata-se de um relato dos conflitos entre comunistas e integralistas, que resultou na morte do militante Jayme Guimarães. No artigo em questão, o Chefe Nacional transcreveu seu discurso no velório de Guimarães. Segue o trecho:

Declarei solenemente, a guerra ao judaísmo organizado. É o judeu o autor de tudo. Tive conhecimento, por intermédio de um companheiro de alta projeção social, que um genro do industrial Klabin esteve metido nos preparativos do massacre contra nós premeditado. Um morador do bairro do Bom Retiro veio participar-me que todos os judeus daquele bairro estiveram na Praça da Sé, tomando parte na agressão aos nossos companheiros. O jornalista judeu Brasil Gerson preparou “A Platéia”, o espírito dos agressores. No boletim que distribuíram os comunistas convidando seus asseclas para chacinar os “camisas-verdes”, várias organizações judaicas assinaram, entre elas uma Liga contra Preconceito de Raça. [...] Fomos agora atacados, dentro de S. Paulo, por uma horda de assassinos, manobrados por intelectuais covardes e judeus. Lituanos, polacos e russos, todos semitas, estão contra nós, empunhando armas assassinas contra brasileiros (Salgado, 1934, p. 1-2 apud Vieira, 2012, grifo da autora).

Para além da reprodução do clássico jargão antissemita, que responsabiliza o judeu por todos os males contemporâneos, neste trecho, Salgado relacionou a tese conspiracionista aos eventos concretos de seu contexto, especificamente, o conflito entre comunistas e integralistas ocorrido em 7 de outubro de 1934, após um desfile integralista em comemoração aos dois anos da AIB. Na ocasião, os militantes foram surpreendidos ao chegar na Praça da Sé e encontrarem o movimento operário paulista organizado contra a manifestação integralista, culminando num embate no qual seis pessoas foram mortas e 50, feridas (Gonçalves, Caldeira Neto, 2020, p. 54). Para o público de Salgado, portanto, seu discurso poderia ser interpretado, e talvez essa fosse sua intenção, como a comprovação da tese da conspiração judaica internacional: os eventos recentes estariam



revelando o domínio judaico na vida brasileira, orientando a população ao comunismo e, conseqüentemente, contra o integralismo e a nação.

Outro artigo, de janeiro de 1935, também é significativo neste sentido, pois Salgado fez uso do vocabulário antissemita de forma a antecipar a explicação de uma possível restrição na liberdade de propaganda da AIB a partir da Lei de Segurança Nacional, que foi sancionada oficialmente apenas em abril deste ano. Suas palavras foram:

Essa lei parece feita de encomenda pelo *capitalismo internacional* e tenho motivos fundados para supor que tal se tenha dado, não só pelas ameaças que temos recebido desde a publicação do livro de Gustavo Barroso, “Brasil, colônia de banqueiros”, como pelas *informações secretas* que nos vieram, em outubro do ano passado, acerca da reunião de *agentes estrangeiros*, em que se teria concertado destruir o Integralismo de maneira maquiavélica. [...] Se, em consequência dessa lei, verificar-se a menor restrição à liberdade de propaganda pacífica do Integralismo, à escola de educação moral e cívica e suas milícias, [...] ter-se-á confirmado a nossa suposição baseada em fortes indícios, de que *essa lei [...] outra coisa não foi do que uma manobra talmúdica, concertada no fundo das sociedades secretas*, entre as quais a Bluchenschaft, que opera em São Paulo, para sufocar o anseio de liberdade de nossa pátria (Salgado, 1935, p. 1 *apud* Vieira, 2012, grifo da autora).

Aqui, a tese conspiracionista revela-se em toda a sua força, sendo capaz de explicar até mesmo aquilo que ainda não acontecera. Embora Salgado ressalte várias vezes a presença de fortes indícios que comprovam suas suspeitas, ele não os apresenta, sequer minimamente. Todos os elementos utilizados para comprovar sua tese provêm de organizações secretas, logo, inverificáveis. Novamente, o contexto político brasileiro, de acordo com o texto, parecia comprovar as alegações antissemitas de Gustavo Barroso; na verdade, era justamente em virtude de suas denúncias, que a campanha contra o integralismo teria ganhado força, o que só poderia demonstrar seu caráter verdadeiro. Mesmo que os judeus não sejam diretamente mencionados, termos frequentemente relacionados ao discurso antissemita, como “capitalismo internacional”, “agentes estrangeiros”, “talmúdica” e “sociedades secretas”, remetem à tese da conspiração judaica internacional.

Especialmente em 1935, houve uma significativa ampliação na repercussão do antissemitismo na imprensa integralista. Neste ano, alguns textos de Reale foram bastante explícitos no combate ao dito judaísmo, como “*Trajectory da idéia comunista*”, publicado na capa de A Offensiva, no qual “mais uma vez, o judaísmo é vinculado ao comunismo internacional e o combate levado a cabo por fascistas alemães e italianos contra marxistas é exaltado” (Rehem, 2018, p. 307). Também em 1935, há uma grande



proliferação do discurso antissemita nos jornais baianos, integralistas e simpatizantes, sobretudo em meados do Levante Comunista (Rehem, 2018).

Ainda neste ano, foi lançada a coluna Judaísmo Internacional, que pode ser considerada o principal lócus de difusão do antissemitismo em A Offensiva. A existência de um espaço destinado exclusivamente à propaganda antissemita, cujo discurso era construído a partir da teoria da conspiração judaica internacional, não é mero adereço, sobretudo em vista do caráter doutrinário do jornal e sua preocupação na transmissão uniforme da doutrina aos leitores. É relevante lembrar que A Offensiva sofria com a censura da SNI-AIB, orientada conjuntamente por Salgado e Reale. Logo, a direção nacional não somente permitiu a presença do antissemitismo na imprensa em seu formato mais radical, como no caso da seção em questão; mas também, o reproduziu em seus escritos para a grande imprensa integralista.

Em 1935, a coluna ganhou destaque no interior do periódico, tendo sido publicada no total de 19 edições, sempre na segunda ou terceira página e integrando um importante caderno do jornal, o Momento Internacional.⁸¹ Todos os artigos publicados nesta seção foram de autoria de Gustavo Barroso, sob o pseudônimo de João do Norte.⁸² O conteúdo era inteiramente baseado na tese da conspiração judaica internacional, explorando-a em suas diversas facetas e períodos históricos. A radicalidade do discurso era a característica dos textos, que, em geral, eram recheados de palavras de ordem apelativas ao militante.

A seção foi utilizada várias vezes com o propósito de demonstrar o caráter político do combate ao judaísmo realizado pelo integralismo, defendendo-o de quaisquer alegações de preconceito religioso ou racial. Outro ponto bastante destacado também foi a definição do antissemitismo como uma reação ao materialismo e ao parasitismo dos judeus nos Estados cristãos: a defesa da pátria e da civilização cristã levava necessariamente ao combate ao judaísmo internacional, pois, na realidade, este era em si

⁸¹ Originalmente intitulado “Semana Internacional”, é um dos cadernos mais frequentes do jornal, com especial destaque entre 1934 e 1936, sendo fixo na terceira página. Era dedicado a notícias de relevância no âmbito das relações internacionais, com foco na Rússia, Alemanha e Itália. Para mais, consultar Simões, 2009.

⁸² Barroso já havia feito uso de diversos pseudônimos ao longo de sua carreira jornalística, incluindo João do Norte, sob o qual assinou matérias para alguns jornais cariocas na década de 1910, bem como suas primeiras obras *Coração de Menino* (1912) e *Coração da Europa* (1922) (Melo Júnior, 2021). Após seu ingresso na AIB, nunca mais utilizou nomes falsos, com exceção da coluna “Judaísmo Internacional”. A identidade do pseudônimo nunca foi escondida: já no primeiro número em que aparece a coluna, Barroso é identificado como o autor, sendo apresentado como “verdadeiro técnico em matéria de judaísmo” (A Offensiva, 11 de maio de 1934, p. 3).



a origem do problema. Em setembro de 1935, foi publicado um artigo na coluna contendo o seguinte trecho:

Ora nós no Brasil não temos, não podemos e não devemos ter preconceitos de raça: mas nós queremos que se fundam num só corpo e num só espírito os brasileiros de todas as cores e procedências. [...] *Combatemos muito justamente o racismo judaico que cria dentro do Brasil, para judeus nascidos no Brasil colunas israelitas na imprensa brasileira e colônias israelitas de israelitas aqui nascidos.* Ao judeu que se tornar brasileiro não combateremos e o acolheremos como um irmão. [...] *Já se vê que Hitler não inventou a questão judaica e que nada mais fez do que defender sua pátria do parasitismo perturbador desse povo* (A Offensiva, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1935, p. 3, grifo da autora).

A denúncia da íntima relação entre o comunismo e o judaísmo internacional também é constantemente reforçada nos escritos da coluna, como na matéria “Infiltração Marxista”, de setembro de 1935. Nela, o comunismo foi apresentado como a obra definitiva do judaísmo, propício para um momento em que a humanidade já se encontrava frente à miséria do capitalismo internacional, produto também dos judeus, é claro. Em novembro deste ano, uma matéria da seção reuniu um conjunto de supostas provas da relação dos judeus e suas organizações secretas com o episódio do Levante Comunista. Segue um trecho:

Os detidos [pela polícia na ocasião do Levante] pertencem à organização revolucionária israelita chamada Brazcor filiada e orientada pelo Partido Comunista Brasileiro, possuindo uma biblioteca popular israelita, a “Sckelomo Aleichem”, instalada a rua Senador Euzebio, nº 59, a qual mantém também uma cozinha proletária comunista a rua Visconde Itauna e um órgão oficial da Brazcor, que é a revista cultural moderna “Volekultur”. Creio que, depois dessa descoberta, os brasileiros compreenderão que nós, integralistas, temos razão e darão combate por todos os meios ao seu alcance a esses revolucionários israelitas que, não tendo pátria, querem fazer a revolução na pátria dos outros. Triste nota de si dão os membros do tal Partido Comunista Brasileiro, aliando-se, ou melhor, *obedecendo a esses judeus, rebotalhos dos guetos, verdadeira lama humana. Brasileiros, guerreia essa gente, evitar comprar nas suas casas de negócio, não entabulai relações com ele, expulsai os vendilhões a prestações das vossas portas e desta sorte ide tornando vosso clima pouco propício à vida desses parasitas* (A Offensiva, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1935, p. 3, grifo da autora).

Em especial este número, publicado cerca de uma semana após o Levante, foi recheado de propaganda antissemita aliada à anticomunista. Além do artigo de “Judaísmo Internacional”, ainda na mesma página, no topo, uma charge, sob o título “A ‘verdade verdadeira’ sobre o caso abyssinio”,⁸³ denunciava os interesses dos judeus na Guerra Ítalo-Etíope, representando-os como agentes centrais nos bastidores do conflito,

⁸³ Abissínia é o designativo do Império Etíope.



“repartindo os lucros no fim como bons amigos” (A Offensiva, 1935, p. 3). Logo abaixo, havia a tradução de um artigo de Stephane Laussane, do jornal parisiense *Le Matin*, intitulado “Quem foi que falou em guerra”, no qual a autora denunciou que, na Inglaterra, a guerra foi incitada pelos sindicatos socialistas, ligados a II Internacional. Até este momento, já haviam sido publicados vários textos na imprensa integralista associando os judeus as Internacionais; portanto, não é difícil imaginar que os leitores pudessem fazer esta associação mesmo que o artigo não a mencionasse diretamente. Na própria coluna, já havia sido publicado um texto, em maio de 1935, identificando os judeus como os únicos interessados na eclosão de um conflito mundial pois seriam eles os donos da indústria bélica.

Ainda na terceira página, um pequeno quadro destaca-se, sob o título “A Guilhotina Secca”, denunciando o “horror, miséria, sangue, sadismo e infâmia” resultado do comunismo na Rússia. No breve texto, alguns judeus são diretamente associados a atos de violência política, como:

“Os judeus Iagoda Agranow, Messer e Bela dirigem comissões de assassinos disfarçados, sob nomes oficiais. [...] Só o judeu Epsteins-Yakowlew fez fuzilar 10.000 camponeses abastados ou kulaks, expulsou de suas casas e terras 6 milhões e deportou para a Sibéria, condenados a trabalhos forçados, perpétuos, 4 milhões” (A Offensiva, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1935, p. 3).

Na capa da edição uma extensa matéria, que se prolonga para a última página, denunciava diretamente o envolvimento de Roberto Simonsen com os interesses do judaísmo internacional; enquanto na segunda página foi publicada uma matéria original do jornal O Sigma, de Aracaju (SE), tratando de uma suposta prova da veracidade das denúncias de Gustavo Barroso no livro “Brasil, colônia de banqueiros”.

Portanto, imediatamente após o Levante, isto é, na edição de 30 de novembro de 1935, o corpo editorial de A Offensiva, com aval da direção nacional, fez uma aposta consciente no recrudescimento da propaganda antissemita, associando-a diretamente ao anticomunismo. O mito da conspiração judaico-comunista internacional apareceu, portanto, como a síntese perfeita para a mobilização social em um contexto radicalizado.

Transformar o judeu/comunista em inimigo assustador, em encarnação do mal e do demônio, legitimava a existência de uma força antagônica representante do bem. Contra um inimigo terrível seria indispensável construir-se uma poderosa falange dos “defensores do bem”, que teriam de usar força e violência para vencer o “bom combate” (Motta, 1998, p. 103).

Em fevereiro de 1936, já com Prestes preso, novamente a denúncia da submissão dos comunistas aos judeus de Moscou aparece no jornal, em meio a elogios efusivos às



medidas restritivas à participação política dos judeus que vinham sendo implementadas na Alemanha. Barroso escreveu para a coluna “Judaísmo Internacional”:

Assim, Camisas-Verdes, Prestes é hoje em dia simplesmente um instrumento do judaísmo comunista, que nos quer devorar com a implantação desse soviet que engaste a linda pérola brasileira no colar das repúblicas judaicas, transformando nossa pátria em outro Biro-Bidjan: émulo e “pendant” de Roberto Simonsen ou Roberto Bem Simon, representante do judaísmo-capitalista, que nos quer engolir com o seu Instituto de Exportação, sugando nosso povo para engordar negociastas e banqueiros. O judaísmo nos põe desta sorte entre a cruz e a caldeirinha. Combatendo-o heroicamente, salvaremos o Brasil. [...] Vimos neste artigo, pela ação do judaísmo por trás do comunismo de Luís Carlos Prestes, como ele ataca uma nação para destruí-la. Vimos também como uma nação se defende, no exemplo destemeroso que o Reich está dando ao mundo. Neste século, tudo se decidirá – ou o judaísmo esmagará os povos ou os povos esmagarão o judaísmo (A Offensiva, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1935 p. 10, grifo da autora).

Para Adorno (1946), a propaganda fascista não pretendia convencer seus espectadores de um projeto político concreto, isto é, não possuía um objetivo racional, mas procurava manipular os aspectos inconscientes de sua audiência de forma planejada, aplicando “um tipo de psicotécnica de efeito calculado”. Para essa finalidade, a tese conspiracionista do domínio judaico internacional, sobretudo em associação com a propaganda anticomunista é extremamente eficiente, criando um imaginário do judeu-comunista, sem atentar-se muito rigorosamente em como este se relaciona com a realidade. A argumentação lógica é substituída pelo fluxo organizado de ideias semelhantes, frequentemente empregando a mesma palavra em duas sentenças completamente desconexas. Como:

O estudo dos mitos e dos símbolos pode nos conduzir ao encontro da Verdade que eles ocultam. A suástica hitleriana leva-nos aos ários, avós dos germanos; o fascio mussolínico leva-nos à grandeza de Roma; o sigma integralista leva-nos aos primitivos cristãos gregos. A estrela vermelha dos Soviets leva-nos ao judaísmo talmúdico (Barroso, 1935, p. 197 apud Motta, 1998, grifo da autora).

Nos escritos de “Judaísmo Internacional” essa estratégia fica muito evidente: nenhuma conexão lógica era estabelecida entre o comunismo, o capitalismo, os partidos políticos, as Internacionais, a imprensa, a URSS, Luís Carlos Prestes, Roberto Simonsen e o tal judaísmo internacional. Pelo contrário, a existência de uma aliança entre todos esses elementos era o pressuposto da argumentação; os acontecimentos da realidade cotidiana denunciados pelo integralismo eram apenas as provas de sua veracidade.

A partir de 1936, contudo, a coluna perde destaque progressivamente, até a interrupção da publicação em março deste ano: em janeiro e fevereiro, ela apareceu duas vezes na segunda página do jornal, porém suas outras seis aparições foram na página dez,



já não mais integrando o caderno “Momento Internacional”. O tamanho das matérias também foi reduzido, não ocupando normalmente mais do que ¼ da folha do jornal. É importante considerar que em janeiro de 1936, A Offensiva passou a ser publicada em frequência diária, com aumento no número de páginas de cada edição.⁸⁴ Ainda assim, fora da coluna, foram publicadas algumas matérias de cunho antissemita, tanto sem assinatura quanto assinadas por Barroso.

A última aparição da coluna foi em 29 de março de 1936, quando foi publicado o artigo “O ouro de Moscou”, denunciando o domínio do poder judaico-maçônico na França cujo governo seria aliado da URSS. Em 13 de abril, o jornal carioca Diário de Notícias comentou sobre um conflito interno no movimento integralista, ligado à disputa entre Salgado e Barroso. Conforme a notícia, Gustavo Barroso enviara o artigo “A Sinagoga Paulista” para publicação em A Offensiva, tendo sido negado por Madeira de Freitas em vista de seu caráter violentíssimo; mesmo assim, semanas depois, Barroso o teria publicado no jornal Século XX, causando uma grande insatisfação em setores da comunidade judaica paulista. A partir daí, Alfredo Egydio de Sousa Aranha, longo colaborador e financiador do integralismo, banqueiro fundador do Banco Central de Crédito, teria interferido na situação, demonstrando a Salgado que “*não era útil ao partido* continuar publicando os escritos do sr. Gustavo Barroso” (Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1936, Capa, grifo da autora).

A razão do cancelamento da coluna parece estar mais associada à conciliação de interesses com setores caros ao integralismo, à mudança no discurso público do movimento, e à reafirmação do poder supremo de Salgado do que com a questão do antissemitismo em si.

Como vimos, a presença antissemita na imprensa integralista foi considerável desde o surgimento de várias publicações, tendo se intensificado no ano de 1935 em jornais locais e nacionais, especialmente em meados do Levante Comunista. De acordo com Simões (2009), o segundo ciclo de publicação de A Offensiva, cujo ponto inicial é 28 de janeiro de 1936, foi marcado por um declínio do caráter doutrinário do periódico, que assumiu um perfil mais político: normalmente, as manchetes da capa destacavam os acontecimentos governamentais no Brasil e no mundo. Obviamente, a doutrina da AIB

⁸⁴ A partir de janeiro de 1936 (nº 90), A Offensiva passou a ser publicada diariamente, exceto segunda-feira. Durante a semana, o jornal tinha em média dez páginas e as edições de domingo, dezesseis. Anteriormente, sua frequência era semanal, com média de oito a dez páginas. Para mais, consultar Simões, 2009.



continuou presente, porém era desejo de Salgado que o jornal atingisse um público mais amplo, visando às eleições municipais daquele ano e, sobretudo, a presidencial, marcada para 1938.

A transformação em partido político, em 1935, foi o início da institucionalização da AIB. Apesar de muitas mutações terem acontecido a partir disso, como a extinção das milícias integralistas, na prática, o discurso, ao menos em A Offensiva, permaneceu bastante radical até os primeiros meses de 1936. Este é justamente o intervalo de publicação da coluna “Judaísmo Internacional”. O contexto de recrudescimento dos conflitos entre integralistas e seus opositores exigiu a permanência de um discurso radical, capaz de mobilizar os militantes a irem às ruas demonstrar a força do partido. O antissemitismo parece ter sido estrategicamente utilizado na imprensa integralista com esse propósito mobilizador, sobretudo pois a denúncia mais frequente era a íntima relação entre o dito judaísmo internacional e o comunismo. Não sem propósito, a propaganda antissemita cresceu após o episódio do Levante Comunista.

Em 1936, o cenário era bastante distinto: após o fracasso da insurreição, muitos líderes foram presos em todo o Brasil, bem como a repressão aos comunistas e aliancistas se acentuou exponencialmente. Neste contexto, o antissemitismo perdeu sua função estratégica pois, além da propaganda anticomunista estar sendo orientada pelo próprio governo, as principais lideranças de esquerda estavam desarticuladas e, muitas, presas. Associado a isso, a insatisfação que os textos de Barroso causavam em setores importantes para o financiamento da AIB foi definitiva para que a coluna “Judaísmo Internacional” fosse permanentemente cancelada, resultando ainda na punição de Barroso, que ficou proibido de publicar em A Offensiva por seis meses. Essa decisão ainda era bastante conveniente à manutenção da liderança indiscutível de Salgado – o que certamente influenciou sua decisão.

Durante os meses de punição, foram publicadas algumas matérias sobre a atuação de Gustavo Barroso em eventos integralistas, o que demonstra que sua militância não parou a despeito da interrupção temporária de publicações. O discurso do periódico procurou fortalecer a noção de uma coesão interna, negando todos os boatos de cisão no movimento, que foram identificados como parte de uma campanha contra o integralismo. Quando Barroso voltou a publicar na imprensa integralista, em outubro de 1936, o conteúdo antissemita não foi completamente negligenciado em seus escritos, mas é notável a moderação do discurso; ou seja, a reprodução de jargões antissemitas facilmente



assimiláveis e o constante reforço da tese conspiracionista não é mais o cerne organizador dos artigos, aparecendo como acessório.

Dado o exposto, chegamos à conclusão de que o antissemitismo foi uma aposta consciente da direção integralista num contexto no qual, apesar de iniciado um processo de adequação ao sistema liberal-democrático, ainda havia um espaço aberto para o discurso radical, sobretudo considerando a forte oposição com os comunistas e aliancistas. Desde a fundação de A Offensiva, um vocabulário pejorativo associado aos judeus esteve presente: foi frequente o uso dos termos judeu, estrangeiro, capitalismo internacional, comunismo, escravização associado à noção de ameaça ao integralismo, à nação brasileira e à civilização cristã. Em um contexto no qual a demanda por mobilização da militância exigiu uma resposta mais radical, a estética antissemita foi instrumentalizada pela direção nacional, como complemento à propaganda anticomunista, procurando fortalecer-se politicamente. Neste momento, a propaganda integralista encaixou-se perfeitamente no modelo de propaganda fascista descrito por Adorno, criando, a partir da repetição constante dos mesmos jargões por diferentes interlocutores, um ritual propagandístico cujo conteúdo é em si a própria performance ritualística.

Objetivamente, os dirigentes enxergavam uma ameaça na crescente organização dos trabalhadores, sobretudo porque muitas campanhas contra o integralismo foram organizadas, como a Frente Única Antifascista (FUA). Desde sua fundação, a AIB protagonizou conflitos políticos nacionalmente relevantes, como o desfile na cidade de Bauru, em outubro de 1934, que terminou com a morte de Nicola Rosica, militante integralista; e a manifestação na Praça da Sé, em São Paulo, quatro dias após o primeiro conflito. A preocupação com o avanço do movimento operário era tão real que foi um dos principais pontos discutidos no Segundo Congresso Integralista, realizado em março de 1935, em Petrópolis (RJ). O crescimento da AIB, com a instalação de novas sedes e núcleos em todo Brasil e cada vez mais frequentes demonstrações públicas de sua força política, foi acompanhado de resistência por parte de comunistas, socialistas, anarquistas, sindicalistas e o movimento operário independente e o acirramento dos conflitos foi produto deste contexto (Fagundes, 2009). Na própria cidade de Petrópolis, em nove de junho de 1935, um embate entre integralistas e aliancistas vitimou o operário Leonardo Candu.

É daí que nasce, portanto, a necessidade de um discurso radical, capaz de sensibilizar os militantes e levá-los às ruas em defesa do integralismo, dispostos a se



sacrificar pela causa do Sigma. Isoladamente, o antissemitismo é insuficiente para explicar o caráter mobilizador do discurso integralista; contudo, no conjunto daquilo que efetivamente se consolidou como a doutrina integralista, a tese da conspiração judaica internacional parece iluminar aspectos importantes acerca da propaganda e objetivos do movimento. O cálculo político dos dirigentes nacionais possivelmente os levou a considerar a estética antissemita como uma aposta válida sobretudo em um momento no qual a AIB ainda se orientava pela ideia da Revolução Integral, a saber até meados de 1936. A partir deste momento, a desarticulação da esquerda brasileira tornou o ambiente menos hostil ao integralismo, sobretudo considerando que uma aproximação com o governo Vargas estava no horizonte de possibilidades da direção nacional, o que acabou se concretizando com o apoio ao Estado Novo, em novembro de 1937.

Considerações finais

A estética antissemita nos periódicos da AIB nos leva a compreendê-la como um recurso na criação de um imaginário comum, facilmente assimilável do inimigo, que, neste caso, era sempre o judeu comunista, ou o judeu agente do capitalismo internacional. O objetivo da propaganda integralista antissemita não era, portanto, convencer os militantes, através de argumentos lógicos e coerentes, do projeto da AIB, mas sim mobilizá-los contra algo lido como ameaçador, por meio de um discurso radical. Assim, o combate à figura do judeu englobava a luta contra o comunismo, o liberalismo, o sistema político, a imprensa e todos os outros elementos propagandeados pela AIB como dissolventes da alma nacional.

Os fundamentos da lógica conspiracionista eram condizentes com a base do integralismo, haja vista a denúncia já no “Manifesto de Outubro” de uma conspiração contra o Brasil. Na prática, o discurso antissemita, em especial a tese da conspiração judaica internacional, exerceu uma função mobilizadora importante no movimento, sobretudo até meados de 1936, o período de atuação mais radicalizada da AIB.

Este artigo propõe algumas considerações sobre o antissemitismo integralista do ponto de vista da prática política do movimento, isto é, a relação que estabeleceu com seus objetivos reais de crescimento e mobilização política. Outros estudos sobre o tema certamente somarão elementos para uma análise futura mais aprofundada. Novamente, cabe reiterar que não é a intenção esgotar as discussões, mas sim iniciar uma nova reflexão sobre a temática.



Data de Submissão: 19/06/2023

Data de Aceite: 23/08/2023

Referências

ADORNO, Theodor. Antissemitismo e propaganda fascista. In: SIMMEL, Ernsts (org.). **Anti-semitism: A social disease**. Madison: International University Press, 1946. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/1946/mes/propaganda.htm>. Acesso em: 15 set. 2023.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; BROQUETAS, Magdalena. Local and global connections of Argentinian, Uruguayan and Chilean fascists in the thirties and early forties. In: GALIMI, Valeria; GORI, Annarita. **Intellectuals in the Latin Space during the Era of Fascism: Crossing Borders**. London, New York: Routledge, Taylor and Francis Group, 2020. p. 171-194.

CANO, Wilson. Da década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. **Revista de Economia**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 897-916, set./dez. 2012.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). **O anti-semitismo nas Américas: história e memória**. São Paulo: Fapesp/EdUSP, 2007.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **A Ofensiva Verde: A Ação Integralista Brasileira no estado do Rio de Janeiro (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista Anauê! (1935-1937): Ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**, vol. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 23-50.

GONÇALVES, Leandro Pereira. A intelectualidade integralista: nacionalismo e identidade na literatura de Plínio Salgado. **Locus: Revista de História**, v. 15, n. 2, p. 111-128, 2010.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon . **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, p. 27-38, Janeiro, 2005.



LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**: ensaio de divulgação ao público. São Paulo: Boitempo, 2021.

MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild, nem Trotsky**: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

MELO JÚNIOR, Antônio Ferreira. A Ronda dos Séculos e a autonomia da assinatura “Gustavo Barroso”. **Revista Temporalidades**, v. 17, n. 2, p. 147-177, 2021.

MOTTA, Rodrigo Paro Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista, vol. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 27-56.

PACHECO, Gabriela Santi. **Panorama e o projeto integralista**: uma análise da revista intelectual. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

RAGO FILHO, Antonio. **A Crítica Romântica à Miséria Brasileira**: O Integralismo de Gustavo Barroso. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

REHEM, David Costa. **“As forças secretas da Revolução”**: anti-semitismo verde-oliva na Bahia (1933-1937). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

REHEM, David Costa. O antissemitismo na imprensa baiana e a contribuição integralista. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista, vol. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 295-312.

SIMÕES, Renata Duarte Simões. **A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932-1938)**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TANAGINO, Pedro Ivo. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016a.

TRINDADE, Héglio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016b.

VIEIRA, Newton Colombo de Deus. **Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Fontes

A “verdade verdadeira” sobre o caso abyssínio. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, 30 de novembro, n. 81, 1935.

A Guilhotina Secca. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, n. 81, 30 de novembro, 1935.

BARROSO, Gustavo. **O integralismo e o mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1936.

DO NORTE, João. Amos latentes e patentes. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, n. 80, 21 de setembro, 1935.

DO NORTE, João. Judaísmo-Maçonaria-Communismo. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, n. 81, 30 de novembro, 1935.

DO NORTE, João. Ataque e defesa. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, n. 107, 16 de fevereiro, 1936.

REALE, Miguel. **ABC do Integralismo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1935.

Se o integralismo vencer, será fuzilado o sr. Gustavo Barroso! **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano III, nº 2.593, 13 de abril de 1936, Capa.

